

Metáfora e Linguagem

Paula Lenz Costa Lima
Universidade Estadual do Ceará
plenz@uece.br

No princípio era a metáfora,
e a metáfora estava na poesia,
e a metáfora era a poesia.

Durante séculos a metáfora esteve ligada à poesia de uma forma diferente daquela que se acredita hoje. Talvez nem tanto por uma mudança no conceito de metáfora, mas no próprio conceito de poesia e mente. “O poético vem do coração, não pode estar na mente, pois a mente é literal”, era o consenso geral¹. Fazia-se uma distinção clara entre a linguagem poética e a linguagem comum, onde a primeira era vista como um dom especial de alguns (e.g. os poetas) e a segunda, como a linguagem de todos. A metáfora era particular da linguagem poética e deveria ser evitada na linguagem comum. Dentro desse conceito, falar metaforicamente do “desejo” em termos de “fome” ou “sede”, por exemplo, deveria fazer parte apenas da linguagem poética, literária. De fato, encontram-se vários exemplos na poesia e em textos literários:

Sede de beijos, amargor de fel
Estonteante fome, áspera e cruel
Que nada existe que a mitigue e farte.
(Florabela Espanca, 1996)

No entanto, essa metáfora não está presente apenas na linguagem poética ou literária, ela faz parte também da linguagem comum, usada no dia a dia. Fala-se corriqueiramente do “desejo” em termos de “fome” nas mais diversas situações: as crianças reclamam de um amigo que tem muita “fome” de bola e não deixa ninguém jogar; um colega recusa o convite para ir

¹ As teorias baseadas em suposições tradicionais ainda consideram que a mente é literal.

ao cinema porque não tem o menor “apetite” para filmes de terror; um vizinho ganha na loteria sozinho, e deixa todo mundo “de água na boca”. No momento político em que vive o Brasil, desmascarando interesses individuais de parlamentares, a metáfora se encaixa com perfeição:

É compreensível que políticos tenham fome de poder. O que não é admissível nem justo é que façam o país inteiro pagar - e caro - por suas pretensões pessoais. (Mapa Esquartejado, Editoriais, Folha de S. Paulo, 19/01/2001)

Vários estudiosos têm chamado a atenção para o fato de que a linguagem comum, aquela usada normalmente pelo homem no seu dia a dia, é repleta de metáforas. Pollio et al. (1977) estimaram que, em média, usamos quatro figuras de linguagem a cada minuto de conversação livre. No entanto, fazemos isso de forma tão natural e corriqueira que, em geral, nos passa despercebido (Cohen, 1979, p. 5). Até mesmo a linguagem científica, que tantos supõem ser estritamente literal, é rica em metáforas (Coracini, 1991, p. 133), pelas quais teorias e avanços crescentes das ciências têm sido explicados (Quine, 1992, p. 161). Certas áreas, como a música e a arte, não podem ser discutidas a não ser através de termos metafóricos, como “austero”, “equilibrado”, “gracioso”, “suave”, “forte”, “quente”, “doce”, “insípido”, “fascinante”, “majestoso” (Aitchison, 1994, p. 149). Nas ciências biológicas, as “células” são comumente classificadas em “idosas”, “mães”, “filhas”, “companheiras” (Coracini, *ibid*). Na engenharia elétrica e na física expressões do tipo “plasma faminto” e “banho de carga negativa” fazem parte de sua linguagem técnico-científica.

A observação de que a linguagem como um todo é impregnada de metáforas levou vários estudiosos a terem uma nova visão de mente. A metáfora passou a ser considerada como um elemento importante no processo de entendimento da própria compreensão humana, e não mais como um mero ornamento do discurso (Cowan & Feucht-Haviar, 1992; Sacks, 1979; Ortony, 1993; Davidson, 1979; Lakoff & Johnson, 1980, 1999; MacCormac, 1985; Kittay, 1987; Indurkhia, 1992).

Em seu livro “The poetics of mind”, Gibbs (1994a) mostra como a cognição é fundamentalmente estruturada por vários processos poéticos ou figurados, onde a metáfora e outros tropos constituem-se em esquemas básicos pelos quais as pessoas conceitualizam suas experiências e o mundo externo. Exemplos metafóricos, como os apresentados acima, não são

formas arbitrárias e inter-independentes que existem na língua, mas expressões geradas por metáforas conceituais e relacionadas umas às outras através dessas metáforas.

A teoria da metáfora conceitual surgiu em 1980, com o livro “Metaphors we live by” de Lakoff and Johnson, que começaram a discutir a natureza e a estrutura da metáfora sob essa nova perspectiva: ela é conceitual e tem grande influência em boa parte do pensamento e raciocínio do homem. Rejeitando os extremos de uma visão objetivista e da sua oposição subjetivista², Lakoff & Johnson adotam uma visão experiencialista, onde os conceitos são definidos primariamente em termos de propriedades interacionais baseadas na percepção humana - como concepções de forma, dimensão, espaço, função, movimento - e não em termos de propriedades inerentes das coisas. O sistema conceitual do homem, portanto, emerge da sua experiência com o próprio corpo e o ambiente físico e cultural em que vive. Tal sistema, compartilhado pelos membros de uma comunidade lingüística, contém metáforas conceituais, sistemáticas, geralmente inconscientes e altamente convencionais na língua - i.e., várias palavras e expressões idiomáticas dependem dessas metáforas para serem compreendidas (Lakoff & Turner, 1989, p. 51).

Em outras palavras, na nova perspectiva, a metáfora lingüística só é possível porque existem metáforas no sistema conceitual humano. Como elas são geradas a partir de experiências corpóreas em relação ao ambiente físico e cultural, compreendê-las equivale a entender o próprio modo de pensar e agir inerente ao homem (Lakoff & Johnson, 1980, p. 5). Se falamos de “desejo” em termos de “fome”, por exemplo, é porque percebemos assim. Não é uma forma arbitrária ou conscientemente elaborada no momento da elocução, mas, ao contrário, devida à metáfora conceitual subjacente DESEJAR É TER FOME, que é natural, automática, e, de modo geral, inconsciente.

² Segundo Lakoff & Johnson, “o que os mitos do objetivismo e do subjetivismo perdem é a maneira como entendemos o mundo através da nossa interação com ele” (1980, p. 194), pois se, por um lado, o objetivismo acredita que existe um mundo totalmente independente do homem, por outro, o subjetivismo acredita que o homem é independente do mundo; se para o objetivismo há uma verdade absoluta e incondicional, para o subjetivismo a verdade só é obtida através da imaginação, sem interferência do mundo externo (ibid, p. 192). O experiencialismo é a união do objetivismo com o subjetivismo, sem a obsessão objetivista com a verdade absoluta ou a insistência subjetivista de que a imaginação é totalmente ilimitada (ibid, p. 228-229).

Ao longo das últimas duas décadas, a teoria da metáfora conceitual vem sendo aperfeiçoada através de vários estudos, de diferentes naturezas³. A base desses estudos está na identificação dos sistemas conceituais evidenciados pelas expressões lingüísticas, trabalhada principalmente por Lakoff & Johnson (1980), Lakoff (1987), Johnson (1987) e Kövecses (1986, 1990), inclusive com atenção às extensões novas da linguagem convencional por Lakoff & Turner (1989), e nas discussões filosóficas que, rejeitando partes centrais do pensamento ocidental tradicional, estabelece a nova visão (Lakoff & Johnson, 1999). Os estudos sobre polissemia de Sweetzer (1990), os achados psicolingüísticos de Gibbs (1994a, 1999) e os refinamentos da teoria propostos por Grady e colaboradores (1996, 1997a, 1997b, 1999) têm contribuído de forma importante para uma melhor compreensão da metáfora conceitual.

Neste capítulo, discutiremos, inicialmente, mais especificamente de que forma nossa experiência corpórea gera conceitos. Em seguida, apresentaremos as principais evidências da metáfora conceitual. Na última parte, para mostrar uma aplicação do uso dos conceitos da teoria, levantaremos alguns trabalhos na área de ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras, cujas propostas envolvem a conscientização das metáforas conceituais como meio para se obterem resultados mais efetivos.

A Natureza da Metáfora

Grande parte das metáforas conceituais está relacionada à nossa orientação espacial – noções como em cima-embaixo, dentro-fora, frente-atrás, centro-periferia – que emerge do fato de termos um corpo como o que temos e interagirmos como interagimos com o nosso ambiente físico (Lakoff & Johnson, 1980, p. 57-58). Por exemplo, a noção EM CIMA emerge porque quase todo movimento que fazemos (e.g. ficar de pé, deitar para dormir) envolve constantemente um programa motor que muda, mantém ou pressupõe a orientação EM CIMA-EMBAIXO. Essa noção gera uma infinidade de metáforas, tais como ALEGRIA É PARA CIMA/TRISTEZA É PARA BAIXO:

e.g. Hoje estou me sentido pra cima.
Você está de alto astral.

³ Ver Lakoff (1993) para uma discussão geral sobre os principais resultados dos diversos estudos empíricos da teoria durante esse período.

Estou na fossa.
Ele está completamente pra baixo.

e VIRTUDE É PARA CIMA/DEPRAVAÇÃO É PARA BAIXO:

e.g. Pedro tem um alto padrão de comportamento.
Ele tem uma mente superior.
Este foi um truque baixo.
Que baixaria!

De acordo com a teoria, experiências físicas diretas como essas não são, entretanto, inerentes ao tipo de corpo que temos, mas envolvem certos pressupostos culturais. No exemplo dado, a noção de verticalidade (EM CIMA-EMBAIXO) envolve o fato de vivermos em um campo gravitacional como o que vivemos. Alguém que vivesse em condições diferentes, no espaço sideral, por exemplo, sem outro tipo de experiência, não teria a mesma noção espacial (ibid, p. 57). Entretanto, apesar de toda experiência ter uma base cultural, ainda é possível fazer uma distinção entre experiências mais físicas (como levantar) e experiências mais culturais (como participar de uma cerimônia de casamento).

Da mesma forma que a experiência do homem com o seu próprio corpo fornece rico subsídio para compreender conceitos em termos orientacionais, a experiência com objetos e substâncias físicas dá origem a metáforas ontológicas, que ajudam a entender outros conceitos envolvendo mais que mera orientação, como eventos, emoções e idéias. Identificamos nossas experiências como entidades ou substâncias que, como tais, podem ser categorizadas, agrupadas e quantificadas. Por exemplo, experienciamos nosso corpo como um recipiente, que tem limites (a pele) e orientação dentro-e-fora (o resto do mundo está fora). A partir dessa experiência, a noção dentro-e-fora é projetada para outros objetos físicos que têm limites, bem ou mal delineados, tais como uma sala (e.g. “entrei na sala”) ou uma clareira na floresta (e.g. “ficaram a noite inteira numa clareira da floresta”), e uma série de outras coisas, tais como campos visuais (e.g. “ele saiu do meu campo de visão”), eventos (e.g. “ele está fora da competição”), e atividades (e.g. “entrei neste ramo há 10 anos”), que passam então a ser vistos também como recipientes com partes internas, externas e limites⁴.

⁴ Para uma contestação de que termos como “entrar”, “sair”, “em” tenham o mesmo sentido nas várias situações lingüísticas que ocorrem, ver Wierzbicka (1986).

Em resumo, as propriedades dos conceitos são criadas como resultado da forma como o cérebro e o corpo são estruturados e de como funcionam nas relações interpessoais no mundo físico (Lakoff & Johnson, 1999). O mecanismo cognitivo que nos permite fazer isso é a metáfora conceitual, cuja gênese está nas nossas experiências corpóreas de dimensões distintas, recorrentes e co-ocorrentes. Por exemplo, falamos de desejo em termos de fome, porque sempre que temos fome experienciamos também o desejo de comer; falamos de dificuldade em termos de peso (e.g. “esse trabalho é muito pesado para um principiante”), porque sempre que erguemos alguma coisa experienciamos a facilidade ou dificuldade dessa ação; falamos de quantidade em termos de elevação vertical (e.g. “os crimes por violência continuam subindo”), porque sempre que acrescentamos algo a uma pilha de coisas ou líquido a um recipiente o nível de coisas ou líquido sobe.

Metáforas geradas a partir dessas bases experienciais diretas (i.e. de experiências sensorio-motoras) e cognitivas básicas, com pouca ou quase nenhuma influência cultural, são chamadas de metáforas primárias. Por partirem de experiências universais, devem ser comuns nas várias línguas. As correlações entre nossas experiências geram centenas de metáforas primárias que, por sua vez, podem se unificar e formar metáforas mais complexas (Grady, 1997b). A unificação de metáforas primárias tem base cultural e, portanto, ao contrário das primárias, pode formar diferentes metáforas compostas nas diversas línguas (Lakoff & Johnson, 1999).

Levamos de um domínio para o outro nossos extensos conhecimentos sobre o domínio fonte e todas as inferências que podemos fazer nesse domínio para o domínio alvo. Por exemplo, uma das maneiras de falarmos sobre a raiva é usando a metáfora A RAIVA É UM FLUIDO QUENTE EM UM RECIPIENTE. Como nos mostra Gibbs (1994b), dentre as várias coisas que sabemos sobre fluidos quentes está o fato de que quando o fluido começa a ferver, ele sobe. Fazemos, então, a inferência de que quando a intensidade da raiva aumenta, a raiva sobe. Essa inferência dá origem a expressões do tipo “à medida que ele falava, a minha raiva ia subindo”. Também sabemos que o calor intenso produz vapor e cria pressão no recipiente em que ele está. Isso nos leva a inferir que (a) a raiva intensa produz vapor, licenciando expressões do tipo “ela chegou ao escritório fumaçando”; (b) a raiva intensa produz pressão no recipiente: “meu sangue estava fervendo dentro de mim”, “estou chegando ao meu limite”; e

(c) quando a raiva fica muito intensa, a pessoa explode: “quando contei o que aconteceu, ele explodiu”.

Um exemplo em português pode ser encontrado na análise feita por Neves (1998) de trechos do programa humorístico de televisão “Sai de Baixo”, em que a autora mostra, entre outras coisas, como nosso conhecimento da metáfora O CORPO DA MULHER É COMIDA é manipulado para produzir o humor da passagem abaixo:

Falando com Magda a respeito do contrato que ele fez para ela posar nua em um frigorífico:
Caco Você vai posar nua. Vai pendurar a bisteca num gancho.

Olhando as fotos de Magda nua:
Ribamar Olha, que churrasco. Ave Maria!

Comentando as fotos:
Edileusa Isso aqui é carne de terceira. A senhora tá cheia de nervo. Isso nem na máquina dá pra encarar.
(transcrito de Neves, 1998)

Entendemos e achamos engraçadas as passagens acima por causa da metáfora subjacente, cujos conhecimentos são acionados através de dois esquemas. Um diz respeito ao que sabemos sobre carne – “carne comestível de animais é guardada em frigoríficos”, “bisteca é um tipo de carne”, “faz-se churrasco dessa carne”, “comem-se os churrascos”, “há vários tipos de carne”, “carne de primeira é boa”, “bisteca é carne boa”, “carne de terceira é ruim”, “carne ruim tem nervos”, “nervos não são fáceis de mastigar”, “precisa-se triturar a carne na máquina para que seja comestível”. O outro está relacionado à condição estabelecida na passagem, i.e., no fato de Magda posar nua – “Magda é feita de carne humana”, “carne humana não é comestível”, “não se guarda carne não comestível no frigorífico”, “não é comum posar nua para revistas”, “quando se é bonita pode-se posar nua”, “não é normal estar nu nos frigoríficos por serem muito frios”. É a oposição que fazemos no cruzamento desses esquemas que provoca o humor.

As metáforas são mapeamentos entre domínios conceituais: do domínio fonte no domínio alvo. A estrutura DOMÍNIO ALVO É DOMÍNIO FONTE⁵, em caixa alta, é usada como forma mnemônica de nomear esses mapeamentos metafóricos. O nome do mapeamento não deve ser confundido com o próprio. Mapeamento é o conjunto de correspondências

⁵ Tecnicamente, o mapeamento é representado por DOMÍNIO ALVO → DOMÍNIO FONTE.

conceituais. Por exemplo, a forma mnemônica TEMPO É DINHEIRO se refere ao conjunto de correspondências conceituais entre os domínios TEMPO e DINHEIRO.

Enquanto fenômeno, a metáfora envolve tanto os mapeamentos conceituais quanto as expressões lingüísticas. Entretanto, da perspectiva da teoria da metáfora conceitual, a língua é secundária, no sentido em que é o mapeamento que sanciona o uso da linguagem e dos padrões de inferência do domínio fonte para o domínio alvo (Lakoff, 1993, p. 209). Porque o foco de interesse é o mapeamento, o termo “metáfora” refere-se, normalmente, ao mapeamento e não às expressões lingüísticas metafóricas⁶. De forma que quando os teóricos falam na “metáfora TEMPO É DINHEIRO”, eles se referem ao mapeamento conceitual e não à sua realização verbal; quando falam em “expressões metafóricas”, estão fazendo referência às expressões lingüísticas licenciadas pelo mapeamento (e.g. “economize seu tempo”; “não tenho tempo suficiente pra gastar com você”).

Os mapeamentos metafóricos não são proposicionais, nem processos ou algoritmos que usam os “inputs” do domínio fonte e produzem os “outputs” do domínio alvo, mas padrões fixos envolvendo correspondências ontológicas (i.e., de esquemas de imagem) entre domínios, gerados a partir de interações perceptuais humanas, ações do corpo e manipulações de objetos. Os esquemas de imagem são estruturas que organizam as representações mentais num nível mais geral e abstrato que aquele em que determinadas imagens mentais são formadas (Johnson, 1987, p. 23-24). Essas estruturas não são imagens ricas e concretas ou gravuras mentais, mas características comuns a muitos objetos, eventos, atividades e movimentos do corpo diferentes. Ou seja, um esquema de imagem consiste de pequeno número de partes e relações, através das quais podem ser estruturadas infinitas percepções, imagens, eventos etc.

Os mapeamentos do domínio fonte no domínio alvo tendem a ser assimétricos, unidirecionais, ocorrendo de um domínio mais concreto, mais físico, mais consciente em um domínio mais abstrato, menos consciente. A questão da direcionalidade é importante por mostrar que a metáfora não é simplesmente uma questão de similaridade (Grady, 1997b, p. 9). Se o processo fosse simplesmente de similaridade, ele seria bidirecional. Nesse caso, o

⁶ As expressões lingüísticas, por sua vez, não são menos importantes na teoria. A língua, principalmente o léxico, é vista como um reflexo do sistema conceitual humano, e é através de um estudo detalhado da maioria das expressões lexicais relacionadas a determinados conceitos que os lingüistas cognitivos têm identificado grande parte desse sistema (Kövecses, 1990, p. 41).

vocabulário, a imagem, as inferências etc. seriam transferidos de um domínio para outro e vice versa. Existiria, por exemplo, além da metáfora IMPORTANTE É GRANDE (e.g. “aqui está a grande questão que quero colocar para você”) uma outra, GRANDE É IMPORTANTE, com exemplos estranhos do tipo *“não consigo mover aquele sofá sozinho porque ele é importante demais”, em que sofá importante corresponde a sofá grande (id.ibid., p. 171).

Isso não é exatamente o caso de domínios que parecem servir tanto de fonte como de alvo, como MÁQUINAS e PESSOAS. As metáforas MÁQUINAS SÃO PESSOAS e PESSOAS SÃO MÁQUINAS envolvem mapeamentos distintos, no sentido em que as qualidades mapeadas são diferentes. Enquanto as máquinas são descritas como tendo personalidades humanas no primeiro caso, as pessoas o são em termos de operações físicas da máquina no segundo (Grady, 1999).

A unidirecionalidade é uma característica importante na teoria da metáfora conceitual e é, entre outras, um elemento básico que a distingue das teorias interacionais, que pressupõem uma relação simétrica entre fonte e alvo (Pires de Oliveira, 1995, p. 64).

Os mapeamentos metafóricos não ocorrem isolados uns dos outros. Um sistema conceitual contém diversos mapeamentos metafóricos convencionais, formando um subsistema altamente estruturado, que é em grande parte inconsciente, automático e usado sem esforço perceptível, assim como o nosso sistema conceitual geral. Esse subsistema, i.e., o sistema conceitual metafórico parece constar de vários mapeamentos interrelacionados, como uma rede em que vários domínios têm correspondência com diversos outros (Grady, 1997a, p. 272-273). Por exemplo, o domínio TEORIA está relacionado com o domínio EDIFÍCIO e com o domínio TECIDO; o domínio SOCIEDADE também está relacionado com os domínios EDIFÍCIO e TECIDO; e, da mesma forma, o domínio ECOSISTEMA está relacionado com os domínios EDIFÍCIO e TECIDO. Inúmeros domínios fonte podem estruturar um único domínio alvo, focalizando aspectos relevantes da nossa experiência; ou um único domínio fonte pode estruturar diversos domínios alvo.

Assim é que TEORIAS podem ser entendidas em termos de EDIFÍCIOS, quando se quer enfatizar a sua estrutura:

- e.g. Construiu uma teoria com alicerces sólidos.
 Esses argumentos derrubam qualquer teoria.
 Os fatos são sólidos, mas os argumentos são muito frágeis e não sustentam nenhuma das hipóteses.

ou em termos de TECIDOS, quando se quer enfatizar a relação entre os elementos na sua organização interna:

- e.g. Essas idéias não estão bem costuradas.
A teoria ainda está mal-alinhavada, mas parece interessante.
Quero tecer algumas considerações a esse respeito.

Por outro lado, os termos usados para falar de TEORIAS também são usados para falar da SOCIEDADE ou do ECOSSISTEMA:

- e.g. A organização é a base da sociedade.
A quebra da cadeia alimentar pode abalar o ecossistema.

As redes metafóricas explicam-se por causa, e em termos, das metáforas primárias que compartilham (Grady 1997). Uma boa ilustração é a metáfora TEORIAS SÃO EDIFÍCIOS, que, segundo Grady et al. (1996), é composta das seguintes metáforas primárias: ORGANIZAÇÃO É UMA ESTRUTURA FÍSICA e MANTER-SE INTACTO É MANTER-SE ERETO. As metáforas primárias podem se combinar de diversas formas. Por exemplo, ORGANIZAÇÃO É UMA ESTRUTURA FÍSICA não tem que ocorrer sempre com MANTER-SE INTACTO É MANTER-SE ERETO. Ela pode ocorrer em combinação com INTERRELACIONADO É SER TECIDO e gerar a metáfora composta TEORIAS SÃO TECIDOS, cuja relação com TEORIAS SÃO EDIFÍCIOS se explica exatamente pelo fato de ambas compartilharem uma de suas primitivas.

Evidências da Metáfora Conceitual

As primeiras evidências da metáfora conceitual surgiram com o trabalho de Reddy, em 1979, sobre a metáfora do canal. Através de uma análise lingüística rigorosa, Reddy demonstrou que a maneira como nativos da língua inglesa falam sobre o processo de comunicação é determinada por estruturas semânticas da própria língua (Reddy, 1993, p. 165), entendida como um canal que transfere pensamentos em forma de corpos de uma pessoa para outra. Por exemplo, as palavras, segundo ele, têm “dentro” e “fora” (e.g. “esse pensamento está em praticamente cada palavra”, “o significado está exatamente nas palavras”, “suas palavras são vazias, não transmitem nada”) (ibid., p. 168). A tese de Reddy é de que a forma como a comunicação é conceitualizada tem sérias implicações para os problemas sociais e culturais da comunidade lingüística.

A partir dos estudos de Reddy, Lakoff & Johnson (1980) analisaram um grande número de expressões e identificaram diversos sistemas metafóricos subjacentes à forma de nos expressarmos sobre os mais variados temas. A metáfora do canal de Reddy era apenas uma pequena parte do enorme sistema de metáforas conceituais que usamos. Além das metáforas citadas até aqui, existem centenas de outras já catalogadas na língua inglesa, que podem ser consultadas no site <cogsci.berkeley.edu>, de George Lakoff. Embora não exista uma análise ampla e rigorosa dos sistemas metafóricos em português, os pesquisadores reconhecem, de modo geral, grande semelhança entre a nossa língua e as metáforas catalogadas, e têm usado intuitivamente o sistema já descrito em inglês para o português. De fato, alguns estudos têm mostrado especificamente essa semelhança entre os sistemas conceituais metafóricos das duas línguas (Lima, 1995; Bowles, 1995; Lima, 1999).

Através de suas análises, Lakoff and Johnson têm demonstrado que a sede da metáfora é o pensamento e não a linguagem, que ela é uma parte importante e indispensável na forma como o homem usualmente conceitualiza o mundo, e que o comportamento humano cotidiano reflete a compreensão metafórica de suas experiências. Tais idéias são parte fundamental da Linguística Cognitiva, ramo da Linguística e das Ciências Cognitivas, cujo objetivo é a busca dos princípios que governam a consistência da língua com o conhecimento geral cognitivo (Lakoff, 1990, p. 45).

Uma ilustração interessante de como nosso sistema metafórico influencia a forma como entendemos a linguagem e agimos conforme nossas metáforas é o filme “Muito Além do Jardim” (“Being There”), roteiro de Jerzy Kosinski, conforme mostram Tolentino (1990) e Gibbs (1999, p. 131-133). No filme, Chance, um jardineiro (em inglês, “gardener”) de mente retardada, fascinado pela televisão, que passou a vida inteira trabalhando no jardim de um rico, sem nunca sair de casa, só falava e entendia as palavras em nível literal. Sua visão de mundo limitava-se ao seu jardim e à televisão. Com a morte do patrão, saiu às ruas pela primeira vez e após vários incidentes e acidentes acabou sendo levado para a mansão de um homem muito influente nos Estados Unidos, Ben Thornbull Rand, onde é confundido como sendo um grande empresário chamado Chancey Gardiner. Durante todo o filme, tudo o que Chance diz literalmente é compreendido de forma metafórica pelos seus interlocutores, como pode ser observado no diálogo entre Ben e Chance, durante o primeiro jantar de Chance na casa de Ben:

Chance Estou com fome.
 Ben Eu também, meu rapaz.
 Chance O velho morreu, Louise foi embora.
 Ben Você precisa de uma secretária?
 Chance Não. Minha casa foi fechada.
 Ben Você quer dizer que seu negócio foi fechado?
 Chance Sim, fechado e bloqueado pelos advogados. Eu gostaria de trabalhar no seu jardim.
 Ben Eu te entendo: no meio das flores e árvores. Um homem de negócios é uma espécie de jardineiro – trabalha o solo para o tornar fértil, constrói algo para a família.
 (transcrito de Tolentino, 1990)

Como Ben construiu o significado metafórico do que Chance dizia literalmente? Tolentino (ibid) mostra que isso foi possível por causa das metáforas conceituais, amplamente familiares e convencionais na sociedade ocidental, UM NEGÓCIO É UMA CASA (e.g. “pôr a casa em ordem”, “arrumar e limpar a casa”, “abrir uma casa nova”) e UM HOMEM DE NEGÓCIOS É UM JARDINEIRO (e.g. “ele colhe opiniões, prepara o terreno, poda os concorrentes, semeia para depois colher”).

Considerando Chance como um homem sábio, Ben fez questão que ele estivesse presente à visita do presidente dos Estados Unidos à sua casa, cujo diálogo entre o presidente e Chance, a seguir, teve papel fundamental no desenrolar do filme:

Presidente Acha que podemos crescer com medidas temporárias?
 Chance Enquanto as raízes não forem cortadas... tudo está bem... e vai continuar bem... num jardim.
 Presidente Num jardim?
 Chance Sim. Num jardim o crescimento tem suas estações; primeiro vem a primavera e o verão, depois o outono e o inverno... e então nós temos a primavera e o verão outra vez.
 Ben Sei o que ele quer dizer: é que aceitemos os inevitáveis ciclos da Natureza, mas não devemos nos aborrecer com os ciclos da nossa economia.
 Chance Sim, vai haver crescimento na primavera.
 (transcrito de Tolentino, 1990)

Mais tarde, o presidente relata a conversa com Chance para seus assessores da seguinte forma:

Presidente O Senhor Chancey tem uma rara sensibilidade a respeito deste país. Ele disse que, enquanto as raízes das indústrias continuarem firmemente plantadas no solo da nação, as perspectivas econômicas serão sem dúvida ensolaradas... Não devemos temer as tempestades de outono e inverno. Ao invés disso, vamos esperar um rápido crescimento na primavera e as recompensas do verão: como num jardim da terra, vamos aprender a aceitar e valorizar a época em que as árvores estão vazias. Assim como gostamos de colher seus frutos.
 (transcrito de Tolentino, 1990)

Conforme mostra Tolentino em sua análise, o presidente entendeu a conversa com Chance da forma como entendeu, porque existem as metáforas conceituais O SOLO/A TERRA É O PAÍS (e.g. “terra natal”, “trair sua terra”), PERSPECTIVAS SÃO ESTAÇÕES/TEMPERATURA (e.g. “perspectivas ensolaradas”, “há nuvens escuras sobre os negócios”, “há tempestade no ar”), INDÚSTRIAS SÃO ÁRVORES/PLANTAS (e.g. “planta-se uma indústria”, “a indústria cresce, dá frutos, ramifica”) e LUCROS SÃO FRUTOS (e.g. “colher os frutos”, “o trabalho dá frutos”, “os negócios frutificaram”).

A partir do momento em que o presidente toma consciência da metáfora geral A ECONOMIA É UMA PLANTA, ele passa a compreender melhor as dificuldades econômicas pelas quais passa o seu país, que se assemelha a uma planta sujeita às quatro estações do ano, mas que sendo sólida pode sobreviver ao inverno, florescendo e dando frutos em seguida. A partir dessa compreensão, o presidente não só passa a ter um discurso de fé e esperança para a nação, como começa a agir segundo a metáfora, criando empresas sólidas, capazes de suportar o “inverno”. É a ficção ilustrando a realidade, pois de forma semelhante muitos têm usado as várias metáforas do nosso sistema conceitual para os mais diversos interesses. O presidente americano Jim Carter usou a metáfora da GUERRA para combater a crise de energia nos Estados Unidos (Lakoff & Johnson, 1980, p. 156), George Bush explorou as metáforas da política externa para convencer seu país a participar da guerra do golfo (Lakoff, 1991; Rohrer, 1995), Fernando Henrique Cardoso ganhou a eleição presidencial em 1994 estabelecendo uma relação de sentido entre a metáfora conceitual A INFLAÇÃO É UM ADVERSÁRIO e a metonímia O GOVERNO É O REAL/O REAL É O GOVERNO (Mendes, 1998).

Falar e entender metáforas, como vimos, só é possível porque existem metáforas no sistema conceitual humano. Seu uso é automático, não exigindo, portanto, esforço de interpretação, e faz parte do modo de pensar de uma comunidade lingüística (Lakoff & Turner, 1989, p. 55). É o que Lakoff & Johnson chamam de metáfora literal⁷. Falar em metáfora literal parece uma contradição. De fato, sob uma perspectiva objetivista, a linguagem literal não pode ser metafórica, uma vez que a metáfora é de interesse apenas marginal e excluída do estudo da semântica (Lakoff & Johnson, 1980, p. 210). Assim, nessa visão (a objetivista), “digerir” em

⁷ Para entender melhor a noção de literal assumida pela Lingüística Cognitiva, ver Lakoff, 1986.

“digerir uma idéia”, por exemplo, não é mais vista como uma palavra metafórica, e sim literal, homônima de uma outra palavra “digerir”. A visão tradicional não nega a sua origem metafórica, mas entende que, uma vez convencionalizada, “digerir” morreu como uma metáfora e congelou seu significado metafórico antigo como um novo significado literal (ibid., p. 211-212). Entretanto, para a Linguística Cognitiva, como vimos, a chamada linguagem literal não só pode ter metáforas como está repleta delas e de forma sistemática. De forma que “digerir uma idéia” não é uma metáfora isolada, mas faz parte de um grupo de outras expressões em que idéias são faladas em termos de comida (ibid, p. 46):

e.g. Tudo o que ele disse me deixou com um gosto ruim na boca.
 O que temos nesse papel não passam de fatos crus, idéias meio cozidas e teorias sub-aquecidas.
 Não dá pra engolir nenhuma dessas idéias.
 Ele devorou o livro.

Sweetser (1990), em seus estudos de semântica histórica, mostra que mesmo termos que parecem ser exemplos clássicos de metáforas mortas têm raízes metafóricas bastante vivas. Por exemplo, as palavras que significam “ver”, nas línguas indo-européias, têm adquirido sempre e de forma recorrente ao longo da história o significado de “saber”. Segundo a autora, as novas palavras para *ver* que aparecem acabam estendendo seus significados para “saber”, e isso acontece porque existe uma metáfora nos sistemas conceituais dos falantes indo-europeus que as motiva. A visão tradicional, objetivista, não consegue explicar nem essa mudança semântica diacrônica, nem a forma sistemática como as metáforas ocorrem na língua.

Vários estudos psicolinguísticos experimentais apontam evidências da metáfora conceitual. Destacam-se, entre eles, os trabalhos de Gibbs e colaboradores, cuja motivação principal tem sido investigar a possibilidade de as metáforas terem os sentidos que têm exatamente por serem motivadas pelo conhecimento conceitual, que é em grande parte metafórico (Gibbs, 1993b, p. 67). Dentre os vários tipos de metáfora, Gibbs considera que as expressões idiomáticas são a melhor evidência da natureza metafórica do pensamento (Gibbs, 1994b).

Na visão tradicional, as expressões idiomáticas são consideradas metáforas mortas ou congeladas, por não despertarem mais, segundo essa visão, qualquer relação com a metáfora subjacente, uma vez que a ligação arbitrária com os seus significados figurados é altamente

convencional. Entretanto, os estudos empíricos de Gibbs e seus colaboradores têm mostrado que as expressões idiomáticas não são metáforas mortas com significados que não podem ser decompostos, nem que seus significados figurados são arbitrariamente estipulados e listados como paráfrases literais simples no léxico mental.

Uma série de experimentos mostrou que várias expressões idiomáticas não perdem sua idiomaticidade ao sofrerem alterações na sua estrutura sintática, por exemplo, a frase “John laid down the law”⁸ pode ser mudada para a passiva, “the law was laid down by John”, sem prejuízo de seu significado figurado (Gibbs & Nayak, 1989). Fenômeno semelhante pode ocorrer também quando um dos elementos da expressão é substituído por outro dentro do mesmo campo semântico, por exemplo, usar “eat one’s word” por “swallow one’s word”⁹ (Gibbs, Nayak & Cutting, 1989).

Em português, não foram realizados experimentos semelhantes, mas estudos lingüísticos já mostram algumas variações sintáticas e/ou semânticas possíveis nas ditas expressões congeladas. Xatara (1994) mostra que a expressão “bater as botas”, por exemplo, admite variação de sujeito (e.g. “ela bateu as botas”, “eles bateram as botas”), de tempo verbal (e.g. “todos acreditam que Laura baterá as botas”), de modo verbal (e.g. “temo que Laura bata as botas”), inserção de advérbio de tempo (e.g. “ela bateu as botas há dois dias”), de advérbio entre verbo e complemento (e.g. “logo ele baterá também as botas”) e de modalidade de asserção (e.g. “e então, ela já bateu as botas?”, “creio que não tenha batido as botas”). Particularmente essa expressão não parece admitir permuta lexical (e.g. **“Laura bateu os sapatos”, **“Laura sacodiu as botas”). Entretanto, não são incomuns expressões que admitem a troca de um ou mais elementos semânticos (e.g. “ruim/venenoso como uma peste/uma cascavel/uma cobra”).**

Resultados experimentais contribuem com a idéia de que os significados figurados das expressões idiomáticas não são estruturas congeladas arbitrárias, mas podem estar relacionados a várias metáforas conceituais que existem independentemente como parte do nosso sistema conceitual. Por exemplo, Nayak & Gibbs (1990) estudaram expressões lingüísticas licenciadas pelas metáforas A RAIVA É UM FLUIDO AQUECIDO SOB PRESSÃO e A

⁸ John impôs as regras.

⁹ Comer suas palavras ; engolir suas palavras.

RAIVA É UM COMPORTAMENTO ANIMALESCO. Seus experimentos mostraram que apesar de certas expressões idiomáticas terem significados convencionais semelhantes (e.g. “blow your stack” e “bite your head off”¹⁰ expressam raiva em grau extremo), os sujeitos deram preferência a expressões como “blow your stack” para contextos favoráveis à metáfora A RAIVA É UM FLUIDO AQUECIDO SOB PRESSÃO e “bite your head off” para os favoráveis à A RAIVA É UM COMPORTAMENTO ANIMALESCO. Além disso, consideraram fatores temporais internos às expressões, compatíveis com os mapeamentos dessas metáforas conceituais. Por exemplo, em histórias favorecendo à metáfora A RAIVA É UM FLUIDO AQUECIDO SOB PRESSÃO, os sujeitos usaram as expressões na seguinte ordem para descrever estágios em que a raiva foi aumentando: “very tense”, “making her fume”, “getting hotter”, “the pressure was really building up” e “reaching its limits”¹¹.

Para investigar a influência das metáforas conceituais nos significados figurados de expressões idiomáticas, Gibbs & O’Brien (1990) desenvolveram uma pesquisa para examinar as imagens mentais de grupos de expressões idiomáticas com significados figurados semelhantes relacionados à revelação de segredos (e.g. “spill the beans”¹²), raiva (e.g. “hit the ceiling”¹³), insanidade (e.g. “go off your rocker”¹⁴), mistério (e.g. “keep it under your hat”¹⁵) e exercício de controle (e.g. “lay down the law”¹⁶). Após solicitarem aos sujeitos que formassem uma imagem mental da expressão idiomática, e.g. “spill the beans”, foram feitas várias perguntas do tipo: Onde estavam os feijões antes de serem espalhados? Qual o tamanho do recipiente? Os feijões estavam crus ou cozidos? Foram espalhados de propósito ou acidentalmente? Onde foram espalhados? Ficaram espalhados num monte bem arrumado? Onde deveriam estar? Depois que foram espalhados, ficou fácil recolhê-los?

Os resultados mostraram alta consistência nas descrições das imagens mentais feitas pelos sujeitos para as diferentes expressões idiomáticas com significados figurados semelhantes. As respostas às perguntas sobre causas e conseqüências das ações descritas nas

¹⁰ Tradução literal: explodir sua pilha; morder sua cabeça para fora.

¹¹ Muito tenso, fumaçando, ficando mais esquentado, a pressão foi realmente aumentando, e chegando ao seu limite.

¹² Tradução literal: espalhar os feijões.

¹³ Tradução literal: bater no teto.

¹⁴ Tradução literal: sair da sua cadeira de balanço.

¹⁵ Tradução literal: manter debaixo do chapéu.

¹⁶ Tradução literal: deitar a lei.

imagens também foram bastante consistentes. Por exemplo, ao imaginarem a expressão “spill the beans”, os sujeitos relataram que os feijões estavam em uma panela mais ou menos do tamanho da cabeça de uma pessoa, estavam crus, foram espalhados acidentalmente pelo chão e ficou difícil recolhê-los.

Ao contrário do que aconteceu com as expressões idiomáticas, testes subseqüentes mostraram que houve muito pouca consistência entre as imagens mentais formadas pelos sujeitos para paráfrases das expressões acima (e.g. “revelar um segredo”) ou para expressões literais relacionadas a elas (e.g. “spill the peas”¹⁷ para “spill the beans”), assim como entre as respostas das perguntas sobre causalidade, intencionalidade, modo e conseqüência sobre as ações dessas imagens. O que esses resultados estão mostrando é que apenas conhecer o significado figurado de uma expressão idiomática não explica por que as pessoas têm um conhecimento sistemático de suas imagens. Segundo Gibbs (1993a, p. 272), compreendemos as expressões idiomáticas porque reconhecemos o mapeamento metafórico entre os domínios conceituais que explicam parcialmente porque essas expressões significam o que significam.

Nesse sentido, em outro estudo, Gibbs (1992) mostrou como acarretamentos específicos das expressões idiomáticas refletem os mapeamentos do domínio fonte no domínio alvo que preservam a topologia cognitiva dos domínios fontes, i.e., suas estruturas de esquema de imagem, analisando a relação entre os significados de certas expressões idiomáticas e a compreensão não-lingüística de seus domínios fonte. Por exemplo, para o domínio fonte da metáfora A RAIVA É UM FLUIDO AQUECIDO EM UM RECIPIENTE, foi solicitado aos sujeitos que imaginassem um recipiente hermeticamente fechado, cheio de fluido, e, em seguida, que respondessem perguntas relativas às imagens formadas sobre causalidade (e.g. o que pode fazer o recipiente explodir?), intencionalidade (e.g. o recipiente explode de propósito ou independente de sua própria vontade?) e modo (e.g. a explosão ocorre de forma suave ou violenta?). Não foi feita qualquer alusão a uso ou significado de expressões idiomáticas. Os resultados mostraram alta consistência entre as respostas dos vários sujeitos. Assim, para o exemplo acima, as pessoas responderam que a causa de um recipiente fechado explodir é a pressão interna causada pelo aumento da temperatura do fluido que está dentro dele; que a

¹⁷ Espalhar as ervilhas.

explosão não é intencional, porque recipientes e fluidos não têm atos intencionais; e que a explosão ocorre de forma violenta.

Fenômenos semelhantes foram observados com outras formas metafóricas. Gibbs, Strom & Spivey (1997) usaram procedimentos semelhantes para investigar se os significados figurados de provérbios eram motivados por mapeamentos metafóricos subjacentes. As imagens mentais formadas pelas pessoas e as respostas sobre causalidade, intencionalidade, reversibilidade e o modo das ações descritas em suas imagens também foram altamente consistentes. Um outro estudo mostrou que houve variabilidade nas imagens mentais das pessoas ao combinarem expressões literais de provérbios. Tais resultados mostram que o elo entre os significados literal e figurado do provérbio não é simplesmente a correlação entre os significados das palavras. Tamanha regularidade nas imagens mentais que as pessoas formam de expressões idiomáticas e provérbios não podem ser explicadas pelas teorias tradicionais. Os dados de Gibbs e colaboradores são fortes evidências de que os mapeamentos metafóricos entre os domínios fonte e alvo na memória a longo prazo preservam aspectos críticos de seus domínios fonte – mapeamentos que influenciam diretamente a compreensão que as pessoas têm de expressões idiomáticas, provérbios ou outros tropos.

Corroborando essas idéias, uma pesquisa envolvendo a metáfora DESEJAR É TER FOME, em que a experiência da fome e a do desejo foram analisadas separadamente, mostrou que o entendimento que as pessoas têm de expressões metafóricas sobre os desejos humanos (e.g. “nossos políticos têm fome de poder”, “aquele carrão deixou todos os rapazes da rua com água na boca”, “Rita tem fome de amor”) são motivadas por suas experiências corpóreas relacionadas à fome (Lima, 1999). E isto é verdade tanto para falantes nativos do inglês americano quanto do português brasileiro.

Em um outro tipo de experimento, usando de metodologia adequada para investigar o processamento da linguagem “on line”, i.e., no exato momento do processamento, Gibbs, Bogdanovich, Sykes & Barr (1997) examinaram o papel da metáfora conceitual na compreensão imediata de expressões idiomáticas. Os resultados mostraram que as pessoas acessam metáforas conceituais quando entendem expressões idiomáticas, e que fazem isso de forma bastante específica. Por exemplo, com expressões do tipo “blow your stack”, acessam a

metáfora conceitual A RAIVA É UM FLUIDO QUENTE, enquanto com expressões do tipo “jump down your throat”¹⁸ acessam A RAIVA É UM COMPORTAMENTO ANIMALESKO.

Vários estudos têm mostrado que expressões metafóricas convencionais são processadas tão rapidamente quanto expressões literais¹⁹. Embora nem todos os estudos trabalhem na perspectiva da metáfora conceitual, resultados como esses podem estar a mostrar que a metáfora não é apenas uma questão da Pragmática, cujo significado vem apostado a um outro sentido, o literal, como vê as teorias tradicionais. Considerar a metáfora como parte da Pragmática, pressupõe que inicialmente fazemos uma interpretação literal – a semântica – de toda e qualquer elocução e, não sendo essa interpretação compatível com o contexto, reelaboramos uma nova interpretação, a metafórica. Apesar de vários experimentos contestarem essa teoria (Ortony et al., 1978; Swinney & Cutler, 1979; Estill & Kemper, 1982; Gibbs, 1984), outros parecem, de certa forma, comprová-la (Clark & Lucy, 1975; Inhoff et al., 1984; Cacciari & Tabossi, 1988). No entanto, uma análise do tipo de metáfora utilizada em cada linha de experimentos leva a crer que a questão do processamento não parece estar centrada na distinção literal versus não literal, mas em outros fatores, tais como convencionalidade, familiaridade etc., dependendo da saliência do significado pretendido (Giora, 1997). Experimentos psicolinguísticos com diferentes tipos de linguagem corroboram essa análise (Giora, 1999; Giora & Fein, 1999; Lima & França, 2000).

Recentemente, Gibbs (1999b), em seu livro “Intensions in the Experience of Meaning”, discute o papel da pragmática na compreensão da linguagem. Segundo seus achados, a pragmática não é usada simplesmente para compreender o significado pretendido pelo falante, mas tem papel na interpretação da elocução do primeiro ao último estágio do processamento linguístico. Por exemplo, resultados experimentais mostram que a interpretação de sentenças do tipo “Maria tem três filhos” não é aquela esperada pela semântica tradicional (i.e. “Maria tem pelo menos três filhos”), mas sim que “Maria tem exatamente três filhos”, considerada, na visão tradicional, como uma interpretação pragmática.

De forma semelhante à segunda interpretação da frase “Maria tem três filhos”, metáforas, metonímias, ironias, atos de fala indiretos estão classificados, na visão tradicional,

¹⁸ Avançar/pular/agarrar no seu pescoço.

¹⁹ Para um panorama dessas pesquisas, ver Gibbs, 1994a, capítulo 3.

como implicaturas conversacionais (Grice, 1975). Gibbs, no entanto, sugere que o que Grice chama de implicaturas conversacionais generalizadas não são implicaturas, mas parte do que o falante diz. Para Gibbs, nosso conhecimento pragmático é um contínuo que vai do conhecimento amplamente compartilhado em todos os contextos (i.e. expressões com sentidos convencionalizados em uma certa comunidade lingüística, envolvendo tanto a linguagem chamada literal quanto a figurada) ao conhecimento específico a um determinado discurso (i.e. expressões com sentidos pressupondo conhecimentos particulares de pessoas ou grupos de pessoas).

A Metáfora na Lingüística Aplicada

A partir do livro de Lakoff & Johnson, “Metaphors We Live By”, outras áreas do conhecimento se deram conta da importância da metáfora no seu objeto de estudo. Embora as aplicações dessa nova visão sobre a forma como construímos o sentido da linguagem sejam vastas e diversas, vamos nos deter a alguns exemplos advindos de profissionais da área de ensino da língua estrangeira, que, a partir de focos diferentes, têm se mostrado efetivos no processo da aprendizagem como um todo.

Low (1988), considerando ser a metáfora central ao uso da língua, uma vez que ela é repleta de sistemas metafóricos, foi um dos primeiros a reclamar a falta de atenção às metáforas nos programas de ensino da língua estrangeira. Embora sua proposta ainda se delineasse de forma não totalmente amadurecida, seu questionamento era legítimo e levantava aspectos importantes a serem considerados.

Vários trabalhos têm apresentado sugestões mais concretas, visando diversos aspectos envolvidos no ensino/aprendizagem da língua estrangeira. Por exemplo, Selinker & Kuteva (1992) mostram como a consciência da existência das metáforas conceituais teve repercussão positiva no uso do verbo “get” por estudantes búlgaros aprendendo inglês. Assim como no português, não existe nenhum verbo em búlgaro que possa agir como “get”, de tal forma que estruturas do tipo “get the breakfast ready”, “get drunk” e “things are getting worse and worse”²⁰ raramente ocorrem na fala do aprendiz ou mesmo de professores búlgaros de inglês. A falta do “get”, como dizem os autores, embora não seja exatamente um erro, torna a

linguagem pouco natural, uma vez que esse verbo está presente em uma infinidade de expressões usadas nos mais diversos gêneros discursivos em inglês.

A partir de explicações sobre a estrutura polissêmica do “get”, Selinker & Kuteva, exploraram as várias extensões do significado que, segundo eles, consistem de transições de esquemas de imagem, que são mapeados através de metáforas em vários setores semânticos, em um contínuo que varia do sentido mais concreto para o mais abstrato. As várias extensões do “get” foram esquematizadas nas quatro variantes a seguir:

Variante 1: Transição do sujeito (gramatical) para uma entidade, gerando o sentido de “vir a entender” e licenciando expressões do tipo “get it?”²¹.

Variante 2: Transição do sujeito (gramatical) para um domínio com fronteiras, cujo sentido é de um movimento espacial auto-gerado (e.g. “get into the room”²²). Seu mapeamento ocorre no contínuo, do mais concreto ao mais abstrato, da seguinte forma:

- (a) movimento auto-gerado para um estado ou condição (e.g. “get into trouble”²³),
- (b) inserção auto-gerada em um estado ou condição (e.g. “get drunk”²⁴),
- (c) inserção auto-gerada em uma atividade (e.g. “get talking”²⁵) e
- (d) inserção em um estado ou condição como resultado de atividades externas (e.g. “get damaged”²⁶).

Variante 3: Transição induzida do sujeito (gramatical) para um domínio com fronteiras, gerando o sentido de um movimento espacial induzido (e.g. “get the chair into the room”²⁷), expandido, do mais concreto ao mais abstrato, da forma seguinte:

- (a) inserção induzida em um estado ou condição (e.g. “get something ready”²⁸),
- (b) movimento induzido para um estado mental (e.g. “get somebody into a rage”²⁹),
- (c) inserção induzida em uma atividade (e.g. “get the car going”³⁰) e

²⁰ Preparar o café, ficar bêbado, as coisas estão ficando cada vez piores.

²¹ Entendeu?

²² Entrar na sala.

²³ Arranjar um problema (entrar numa fria).

²⁴ Ficar bêbado.

²⁵ Começar a falar.

²⁶ Estragou.

²⁷ Colocar a cadeira na sala.

²⁸ Preparar alguma coisa.

²⁹ Fazer alguém ficar com raiva.

³⁰ Fazer o carro andar.

(d) inserção em um estado ou condição por um agente não especificado (e.g. “get something repaired”³¹).

Variante 4: Transição de uma entidade para o sujeito (gramatical), com o sentido de inserção em um estado ou condição de um objeto dentro do espaço do sujeito como resultado de uma atividade externa (e.g. “get one’s saving wiped out”³²).

Uma outra proposta semelhante a de Selinker & Kuteva, é sugerida por MacLennan (1994) para o ensino de preposições em inglês. Sua análise parte das preposições mais prototípicas para os vários membros intra-categoriais que irradiam de cada protótipo. Os protótipos vão se tornando mais metafóricos à medida que vão ficando mais abstratos, de tal forma que a preposição “on” na expressão “on time”³³ é mais abstrata e menos prototípica do que em “on the table”³⁴; “in” na expressão “in love”³⁵ é mais abstrata e menos prototípica que em “in the garden”³⁶; e da mesma forma a preposição em “out of sorts”³⁷ é mais abstrata e menos prototípica que em “out of the room” ou “out of the box”³⁸. Segundo McLennan, se o aprendiz reconhece e entende as funções da metáfora, isso lhe dá uma base para raciocinar e torna-o capaz de identificar as metáforas sistêmicas presentes em outros verbos que usam as mesmas preposições.

No mesmo sentido é a proposta de Fengying (1996) para o ensino de expressões idiomáticas. Usando diagramas circulares com três camadas, o sentido da palavra parte de um núcleo, físico e concreto, expandindo-se, na segunda camada, para outros objetos físicos e, na terceira, para idéias abstratas. Por exemplo, o sentido núcleo da palavra “pé” seria a parte do corpo humano, que se expande, na segunda camada, para expressões do tipo “pé da mesa”, “pé da montanha” e “pé da máquina de costura”, e, na terceira camada, para expressões do tipo “ter um pé em cada empresa”, com o sentido de ocupar uma posição.

³¹ Consertar/mandar consertar alguma coisa.

³² Limpar/zerar/raspar a poupança de alguém.

³³ Na hora exata.

³⁴ Na (sobre a) mesa.

³⁵ Apaixonado.

³⁶ No jardim.

³⁷ Fora do grupo (um peixe fora d’água).

³⁸ Fora da sala ou fora da caixa

Explorando um outro aspecto no ensino de expressões metafóricas, Ponterotto (1994) discute a riqueza de conhecimento sobre a língua estrangeira que pode ser adquirida com a introdução das metáforas conceituais. Seus exercícios exploram as diferenças culturais entre as línguas estudadas, mostrando se existem conceitos semelhantes com expressões lingüísticas semelhantes na língua nativa e na estrangeira, conceitos semelhantes com expressões diferentes, expressões semelhantes mas geradas por conceitos metafóricos diferentes em cada língua e conceitos diferentes com expressões diferentes.

Considerando também a variação cultural dos conceitos metafóricos, Ibba (1991) defende que o ensino da língua estrangeira instrumental para profissionais da área médica não pode prescindir do estudo da metáfora conceitual. Segundo a autora, conhecer as metáforas envolvidas na comunicação entre médico e paciente tem implicações diretas no desempenho do profissional, que precisa vencer, entre outras, as barreiras lingüísticas/culturais na sua relação com o paciente.

A consciência das metáforas conceituais tem aplicação também na preparação de professores de língua estrangeira. Baseando-se no conhecimento de que agimos conforme as metáforas, Thornbury (1991) e Swales (1994) propõem estratégias para tornar conscientes as metáforas relacionadas ao ensino e à aprendizagem usadas pelos professores de língua estrangeira, a partir das quais efetuam as mudanças desejadas e/ou necessárias para o melhor desempenho desses profissionais na sala de aula.

Considerações Finais

Em qualquer linha teórica, não há mais como se pensar na metáfora como parte exclusiva da poesia e da retórica. A evidência de que a linguagem é impregnada de metáforas está estampada em qualquer forma discursiva – na linguagem do dia-a-dia, na linguagem poética e literária, na linguagem jornalística e de propaganda, na linguagem de divulgação científica e na científica propriamente dita etc.

Embora existam contínuos debates sobre a realidade psicológica das metáforas conceituais entre os psicólogos cognitivos, os resultados empíricos obtidos por estudos lingüísticos e psicológicos têm se mostrado como fortes evidências de que as metáforas são parte fundamental da cognição. Não apenas as metáforas, mas vários outros tipos de

linguagem não literal, tais como a metonímia, a ironia, o discurso indireto, estruturam os sistemas conceituais a partir dos quais compreendemos o mundo e agimos nele. Isso muda completamente a forma de se entender como damos sentido ao que vemos, falamos, ouvimos e lemos em cada minuto da nossa vida. É nesse contexto que a Linguística Cognitiva entende que a estrutura e o comportamento da língua não devem ser estudados como se fossem autônomos do pensamento comum, mas sim como reflexo da organização conceitual geral, dos princípios de categorização e dos mecanismos de processamento (Gibbs, 1998).

Referências Bibliográficas

- Aitchison, J. (1994) *Words in the mind: an introduction to the mental lexicon*. 2.ed., Oxford, UK, Cambridge, USA: Blackwell.
- Bowles, H.L. (1995) *Metaphors of fire and ice*. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Cacciari, C & Tabossi, P. (1988) The comprehension of idioms. *Journal of Memory and Language* 27:668-683.
- Clark, H.H. & Lucy, P. (1975) Understanding what is meant from what is said: a study in conversationally conveyed requests. *Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior* 14:56-72.
- Cohen, T. (1979) Metaphor and the cultivation of intimacy. In S. Sacks (Ed.) *On metaphor* (p. 1-10). Chicago: The University of Chicago Press.
- Coracini, M.J. (1991) *Um fazer persuasivo: o discurso subjetivo da ciência*. São Paulo: Educ; Campinas: Pontes.
- Cowan, J. & Feucht-Haviar, J. (1992) Prefácio. In S. Sacks (Org.) *Da metáfora* (p. 7-8). São Paulo: EDUC/Pontes.
- Davidson, D. (1992) O que as metáforas significam. In S. Sacks (org.) *Da metáfora* (p. 35-51). São Paulo: EDUC/Pontes.
- Espanca, F. (1996) *Poemas de Florbela Espanca*. São Paulo: Martins Fontes.
- Estill, R. & Kemper, S. (1982) Interpreting idioms. *Journal of Psycholinguistic Research* 11:559-568.

- Fengying, M. (1996) The ripple effect: word meaning expansion and its application in teaching vocabulary. *Forum* 34(1):8-16.
- Gibbs Jr., R.W. (1984) Literal meaning and psychological theory. *Cognitive Science* 8:575-304.
- Gibbs Jr., R.W. (1992) Why idioms mean what they do. *Journal of Memory and Language* 31:485-506.
- Gibbs Jr., R.W. (1993a) Process and products in making sense of tropes. In A. Ortony (ed.) *Metaphor and thought* (p. 252-276). 2.ed, Cambridge, Cambridge University Press.
- Gibbs Jr., R.W. (1993b) Why idioms are not dead metaphor. In C. Cacciari. & P. Tabossi (eds.) *Idioms: processing, structure and interpretation*. (p. 57-78). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Gibbs Jr., R.W. (1994a) *The poetics of mind: figurative thought, language, and understanding*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Gibbs Jr., R.W. (1994b) Figurative thought and figurative language. In M.A. Gernsbacher (Ed.) *Handbook of psycholinguistics* (p.411-446). San Diego: Academic Press.
- Gibbs Jr., R.W. (1998) The fight over metaphor in thought and language. In Katz et al. (eds.) *Figurative language and thought*. New York: Oxford University Press.
- Gibbs Jr., R.W. (1999a) Interpreting what speakers say and implicate. *Brain and Language* 68:466-485.
- Gibbs Jr., R.W. (1999b) *Intensions in the Experience of Meaning*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Gibbs Jr., R.W., Bogdanovich, J.M., Sykes, J.R. & Barr, D.J. (1997) Metaphor in idiom comprehension. *Journal of Memory and Language* 37, 141-154.
- Gibbs Jr., R.W. & Nayak, N.P. (1989) Psycholinguistic studies on the syntactic behavior of idioms. *Cognitive Psychology* 21:100-138.
- Gibbs Jr., R.W., Nayak, N.P. & Cutting, C. (1989) How to kick the bucket and not decompose: analyzability and idiom processing. *Journal of Memory and Language* 28:576-693.
- Gibbs Jr., R.W. & O'Brien, J. (1990) Idioms and mental imagery: the metaphorical motivation for idiomatic meaning. *Cognition* 36:35-68.
- Gibbs Jr., R.W., Strom, L. & Spivey-Knowlton, M. (1997) Conceptual metaphors in mental imagery for proverbs. *Journal of Mental Imagery* 21:83-110.

- Giora, R. (1997) Understanding figurative and literal language: the graded salience hypothesis. *Cognitive Linguistics* 8-3:183-206.
- Giora, R. (1999) On the priority of salient meanings: studies of literal and figurative language. *Journal of Pragmatics* 31: 919-929.
- Giora, R. & Fein, O. (1999) On understanding familiar and less-familiar figurative language. *Journal of Pragmatics* 31: 1601-1618.
- Grady, J.E. (1997a) THEORIES ARE BUILDINGS revisited. *Cognitive Linguistics* 8(4):267-290.
- Grady, J.E. (1997b) *Foundations of meaning: primary metaphors and primary scenes*. PhD Dissertation, University of California, Berkeley.
- Grady, J.E. (1999) A typology of motivation for conceptual metaphor: correlation vs. resemblance. In G. Steen & R. Gibbs (eds.) *Metaphor in cognitive linguistics*. Philadelphia: John Benjamins.
- Grady, J., Taub, S. & Morgan, P. (1996) Primitive and compound metaphors. In A.E. Goldberg (ed.), *Conceptual structure, discourse and language* (p. 177-187). Stanford: CSLI Publications.
- Grice, P.H. (1975) Logic and conversation. In P. Cole & J. Morgan (eds.) *Speech Acts. Syntax and Semantics*, vol.3 (p. 41-58). New York: Academic Press, 1975.
- Ibba, M. (1991) Metaphors we are healed by: on the use of metaphors in medical language. *Georgetown University Round Table on Languages and Linguistics* p. 601-612.
- Indurkhia, B. (1992) *Metaphor and cognition*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
- Inhoff, A.W., Lima, S.D. & Carrole, P.J. (1984) Lexical ambiguity and sentence comprehension. *Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior* 14:265-274.
- Johnson, M. (1987) *The body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination, and reason*. Chicago, London: The University of Chicago Press.
- Kittay, E.F. (1987) *Metaphor: its cognitive force and linguistic structure*. Oxford: Clarendon Press.
- Kövecses, Z. (1986) *Metaphors of anger, pride, and love: a lexical approach to the structure of concepts*. Amsterdam: John Benjamins.
- Kövecses, Z. (1990) *Emotion concepts*. New York: Springer-Verlag.
- Lakoff, G. (1986) The meanings of literal. *The metaphor and Symbolic Activity* 1(4):291-296.

- Lakoff, G. (1987) *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago, London: The University of Chicago Press.
- Lakoff, G. (1990) The invariance hypothesis: is abstract reason based on image schema? *Cognitive Linguistics* 1:39-74.
- Lakoff, G. (1991) Metaphor and war: the metaphor system used to justify war in the gulf. An open letter to the Internet. The Metaphor Home Page, www.compapp.dcu.ie/~tonyv/metaphor.html.
- Lakoff, G. (1993) The contemporary theory of metaphor. In A. Ortony (Ed.), *Metaphor and thought* (p. 202-251). 2.ed., Cambridge: Cambridge University Press.
- Lakoff, G. (1998) Cognitive Semantics: In the heart of language. An Interview with George Lakoff. *Fórum Lingüístico*, 1:83-119.
- Lakoff, G. & Johnson, M. (1980) *Metaphors we live by*. London: The University of Chicago Press.
- Lakoff, G. & Johnson, M. (1999) *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books.
- Lakoff, G. & Turner, M. (1989) *More than cool reason: a field guide to poetic metaphor*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Lima, P.L.C. (1995) *Usando a Cabeça: um estudo da representação do substantivo cabeça no sistema conceitual das línguas inglesa e portuguesa, através de expressões metafóricas convencionais*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza.
- Lima, P.L.C. (1999) *Desejar é ter fome: novas idéias sobre antigas metáforas conceituais*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Tese de Doutorado.
- Lima, P.L.C & Françoze, E. (2000) Metáfora e memória de trabalho. *Palavra* 6:175-187.
- Low, G.D. (1988) On teaching metaphor. *Applied Linguistics* 9(2):125-147.
- MacCormac, E.R. (1985) *A cognitive theory of metaphor*. Cambridge: The MIT Press.
- MacLennan, C.H.G. (1994) Metaphors and prototypes in the learning teaching of grammar and vocabulary. *IRAL* 32(2):97-110.
- Mendes, P.H.A. (1998) Metáfora/metonímia e discurso político. In V.L.M. Paiva (org.) *Metáforas do Cotidiano* (p.133-156). Belo Horizonte: Ed. Do Autor, UFMG.
- Nayak, N.P. & Gibbs, Jr., R.W. (1990) Conceptual knowledge in the interpretation of idioms. *Journal of Experimental Psychology: General* 119(3):315-330.

- Neves, M.S. (1998) Metáforas que nos fazem rir. In V.L.M. Paiva (org.) *Metáforas do Cotidiano* (p.93-104). Belo Horizonte: Ed. do Autor, UFMG.
- Ortony, A. (ed.) (1993) *Metaphor and thought*. 2.ed. Cambridge: Cambridge University Press.
- Ortony, A., Schallert, D.L., Reynolds, R.E. & Antos, S.J. (1978) Interpreting metaphors and idioms: some effects of context on comprehension. *Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior* 17:465-477, 1978.
- Pires de Oliveira, R. (1995) *The language-game of metaphor - metaphorhood, its grammar and pragmatics – an exercise of interpretation: ‘estorvo’ and ‘primeiras estórias’*. Doctoral Dissertation, Katholieke Universiteit Leuven.
- Pollio, H., Barlow, J., Fine, H. & Pollio, M. (1977) Psychology and the poetics of growth: figurative language in psychology, psychotherapy, and education. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Ponterotto, D. (1994) Metaphors we can learn by. *English Teaching Forum* 32(3):2-7.
- Quine, W.V. (1992) Reflexões posteriores sobre a metáfora. In S. Sacks (Org.) *Da metáfora* (p. 161-162). São Paulo: EDUC/Pontes.
- Reddy, M. (1993) The conduit metaphor: a case of frame conflict in our language about language. In A. Ortony (Ed.), *Metaphor and thought* (p. 164-201). 2.ed., Cambridge: Cambridge University Press.
- Rohrer, T. (1995) The metaphorical logic of (political) rape: the new wor(l)d order. *Metaphor and Symbolic Activity* 10(2): .
- Sacks, S. (ed.) (1979) *On metaphor*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Sacks, S. (org.) (1992) *Da metáfora*. São Paulo: EDUC/Pontes.
- Swales, S. (1994) From metaphor to metalanguage. *English Teaching Forum* 32(3):8-11.
- Sweetzer, E.E. (1990) *From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge Studies in Linguistics 54. Cambridge: Cambridge University Press.
- Swinney, D. & Cutler, A. (1979) The access and processing of idiomatic expressions. *Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior* 18:523-534, 1979.
- Thornbury, S. (1991) Metaphors we work by: EFL and its metaphors. *ELT Journal* 45(3):193-200.
- Tolentino, M.V.F. (1990) Muito além das Metáforas. In E. Pontes (Org.) *A metáfora* (p.77-89). 2.ed., Campinas: Editora da Unicamp.

Wierzbicka, A. (1986) Metaphors linguists live by. *Papers in Linguistics* 19(2):287-313.

Xatara, C.M. (1994) *As expressões idiomáticas de matriz comparativa*. Araraquara: Unesp, Dissertação de Mestrado.